pensares em revista

ISSN 2317-2215

DO GÊNERO EPOPEIA A PRODUÇÃO DE ROTEIRO DE FILME: UM TRABALHO DE RETEXTUALIZAÇÃO NO SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

FROM THE EPIC GENRE TO THE PRODUCTION OF A FILM SCRIPT: A RETEXTUALIZATION WORK IN THE SIXTH YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL

Roza Maria Palomanes Ribeiro[1] , Viviane Ballerini[2]

[1] Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
https://orcid.org/0000-0001-8618-2922
rozapalomanes@terra.com.br

[2] Secretaria de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
https://orcid.org/0009-0009-3455-8145
viviane.santosn@gmail.com

Recebido em 30 jun. 2025
Aceito em 30 jul. 2025

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal apresentar uma pesquisa bibliográfica propositiva realizada no âmbito do PROFLETRAS, que tem como objeto o ensino do gênero epopeia, pautado em dois documentos oficiais: a Matriz de Conteúdos Prioritários do Ensino Fundamental, da Secretaria Municipal de Educação do Município de Nova Iguaçu, e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Destinada a alunos do sexto ano de escolaridade, apresenta uma sequência de atividades – leitura da epopeia *Odisséia* (Homero,2023), tanto no formato clássico, quanto na sua retextualização em outros gêneros, tendo como proposta final a produção de um texto do gênero roteiro de filme para a consecução de um filme com a técnica *stop-motion*. O objetivo principal da pesquisa, portanto, é trabalhar com o gênero literário epopeia, retextualizando-o em outros gêneros, como a História em Quadrinhos (HQ) e o roteiro de filme, ampliando, assim, o letramento literário do aluno, fundamentando-se teoricamente nos estudos de Marcuschi (2010), Dell'Issola (2007), Cosson (2021), Solé (2014), entre outros teóricos.

Palavras-chave: Gênero textual; Letramento; Retextualização.

Abstract: The main objective of this article is to present propositional bibliographic research carried out within the scope of PROFLETRAS, which has as its object the teaching of the epic genre, based on two official documents: the Matrix of Priority Contents for Elementary Education, from the Municipal Department of Education of the Municipality of Nova Iguaçu, and the National Common Curricular Base (BNCC). Intended for sixth-grade students, it presents a sequence of activities – reading the epic Odyssey (HOMERO,2023), both in the classic format and in its retextualization in other genres, with the final proposal being the production of a text in the film script genre for the production of a video using the stop-motion technique. The main objective of the research, therefore, is to work with the epic literary genre, retextualizing it in other genres, such as comics and film scripts, thus expanding the student's literary literacy, theoretically based on the studies of Marcuschi (2010), Dell'Issola (2007), Cosson (2021), Solé (2014), among other theorists.

Keywords: Textual genre; Literacy; Retextualization.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a pesquisa desenvolvida no âmbito do PROFLETRAS sobre o ensino dos gêneros epopeia e roteiro de filme, com base nos documentos oficiais que norteiam a educação brasileira. Utilizando pressupostos da linguística aplicada ao ensino, sugere-se um trabalho pedagógico com o poema grego antigo *Odisseia*, atribuído a Homero[1] (2023), passando por sua retextualização em quadrinhos (Williams, 2013), introduzindo o gênero conto (Rocha, 2011), com uma proposta final de elaboração de um texto do gênero roteiro de filme para a produção de um filme com a técnica *stop-motion*, fruto da retextualização do texto em História em quadrinho (HQ) Entende-se que, com essa proposta didática, é possível proporcionar o contato do aluno com o gênero épico e os demais gêneros, ampliando seu letramento.

O estudo dos gêneros textuais é apontado como um dos princípios básicos para o ensino de língua portuguesa, proposto pela *BNCC - Base Nacional Comum Curricular*. Sendo assim, acredita-se que o uso de diversos gêneros em sala de aula para a realização das atividades pode promover intensa interação entre os alunos, contribuindo para a percepção da função social de cada gênero estudado. E, no tocante ao gênero epopeia (Michaelis, 2023), apesar de pouco trabalhado em sala de aula, pode contribuir para a ampliação das competências linguísticas e para o conhecimento geral dos alunos.

Relata-se, pois, uma pesquisa, cuja metodologia adotada é a não experimental, bibliográfica e propositiva, consistindo, portanto, em propostas didáticas que associam as teorias linguísticas à prática docente. A pesquisa não experimental, conforme apregoam Moreira e Callefe (2008), é recomendada para: 1) descrever e explicar eventos e situações como elas existem ou existiram, 2) avaliar produtos ou processos e 3) desenvolver inovações. E, no que diz respeito à metodologia de pesquisa bibliográfica, Gil (2002) explica que esta compreende a leitura, a análise e a interpretação de material impresso.

Esta pesquisa, pois, se justifica pelos resultados do desempenho dos alunos nos

[1]] A atribuição da autoria de alguns textos épicos, incluindo a *Ilíada* e a *Odisseia,* é a um poeta chamado Homero, mas nunca se saberá ao certo.

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

últimos anos, apontados pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), em vigor desde os anos 90, e que submete, a cada dois anos, os estudantes do 5° e do 9° ano do Ensino Fundamental da escola pública a uma avaliação diagnóstica em Língua Portuguesa e Matemática. Nos anos de 2017, 2019 e 2021, o resultado da aprendizagem do 5° ano de escolaridade do Ensino Fundamental apresenta uma porcentagem de 54%, 55% e 49% respectivamente; já no 9° ano de escolaridade do Ensino Fundamental, o resultado aferido ficou em 31%, 33% e 32%, respectivamente, nos mesmos anos de referência.

Para a pesquisa propositiva, foi escolhido trabalhar somente com a *Odisseia* de Homero, para, em seguida, introduzir a história no formato de adaptação em HQ Além desses gêneros, serão trabalhados diário de bordo, conto e roteiro de filme.

Isto posto, pretende-se, neste artigo, apresentar a proposta didática que contempla leitura, escrita e retextualização para ampliação do letramento, tomando por base os fundamentos teóricos de Marcuschi (2008; 2010), Dell´Issola (2007), Cosson (2021), Dionísio (2005), Solé (2014), dentre outros. A escolha por tais teóricos se deve ao fato de se debruçarem sobre pesquisas que tangem ao estudo da linguística textual, gêneros textuais e retextualização e produção textual.

O diferencial dessa proposta pedagógica está na inclusão de atividades com uso das tecnologias da informação, o que pode servir de sugestão para professores de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Tal proposta visa a trazer sugestões de atividades que buscarão colaborar com a melhoria do desempenho do aluno, diante da organização de ideias, das estruturas dos textos e da adequação ao contexto situacional, além da comparação entre texto escrito e falado se norteando pelos seguintes objetivos: a) desenvolver no aluno uma autonomia no que tange a relacionar o texto verbal ao texto não verbal como suporte para compreensão textual; b) compreender os gêneros textuais selecionados de modo a desenvolver as competências leitora e escrita; c) produzir textos por meio do processo de retextualização do gênero epopeia para o roteiro de filme.

O TRABALHO COM OS GÊNEROS

O ensino dos variados gêneros textuais é de extrema relevância e apontado por

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

diversos documentos norteadores de currículos da educação básica. Os PCN, por exemplo, defendem uma proposta pautada no ensino de diferentes gêneros, por estes fazerem parte das necessidades cotidianas do homem. Logo, é preciso que a escola proporcione situações da vida e ampliem, consideravelmente, o aprendizado dos vários gêneros exigidos pela sociedade letrada, tornando o processo de ensino-aprendizagem significativo por contribuir para a inserção do indivíduo na sociedade.

Marcuschi (2008) observa que os gêneros textuais

> são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (Marcuschi, 2008, p.155)

Partindo desse conceito, entendemos que os gêneros são os instrumentos que visam atender à necessidade que temos em nossas práticas sociais, cada um com suas características e propriedades.

Tanto a BNCC quanto Marcuschi (2010) consideram o gênero como ponto de partida para se ensinar a língua portuguesa. Pode-se, inclusive, explorar os diversos gêneros de circulação social para que o aluno consiga praticar o exercício de ler e interpretar linguagem verbal e não verbal, além de compreender a língua e seus efeitos de sentido.

Para a introdução do gênero epopeia, é valioso apresentá-lo a partir de atividades que envolvam as crianças na leitura mediada pelo professor e na leitura compartilhada para, somente depois, introduzir o gênero HQ. Compreendermos que o processo em que determinado autor produziu a mesma história utilizando o processo de retextualização permite, mais facilmente, a ativação do conhecimento prévio do aluno, que poderá explorar diversos aspectos da leitura e da escrita, compreendendo melhor o texto clássico.

Nesse sentido, as orientações para a leitura, apresentadas na BNCC, apontam, dentre outras, as seguintes práticas leitoras no Eixo Leitura:

> · Selecionar procedimentos de leitura adequados a diferentes objetivos e interesses, levando em conta características do gênero e suporte do texto, de forma a poder proceder a uma leitura autônoma em relação a temas familiares.
> · Estabelecer/considerar os objetivos de leitura.
> · Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura, textos de divulgação científica e/ou textos jornalísticos que circulam em várias mídias.
> · Mostrar-se ou tornar-se receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativa, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

> anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor. (BNCC, 2017, p.74)

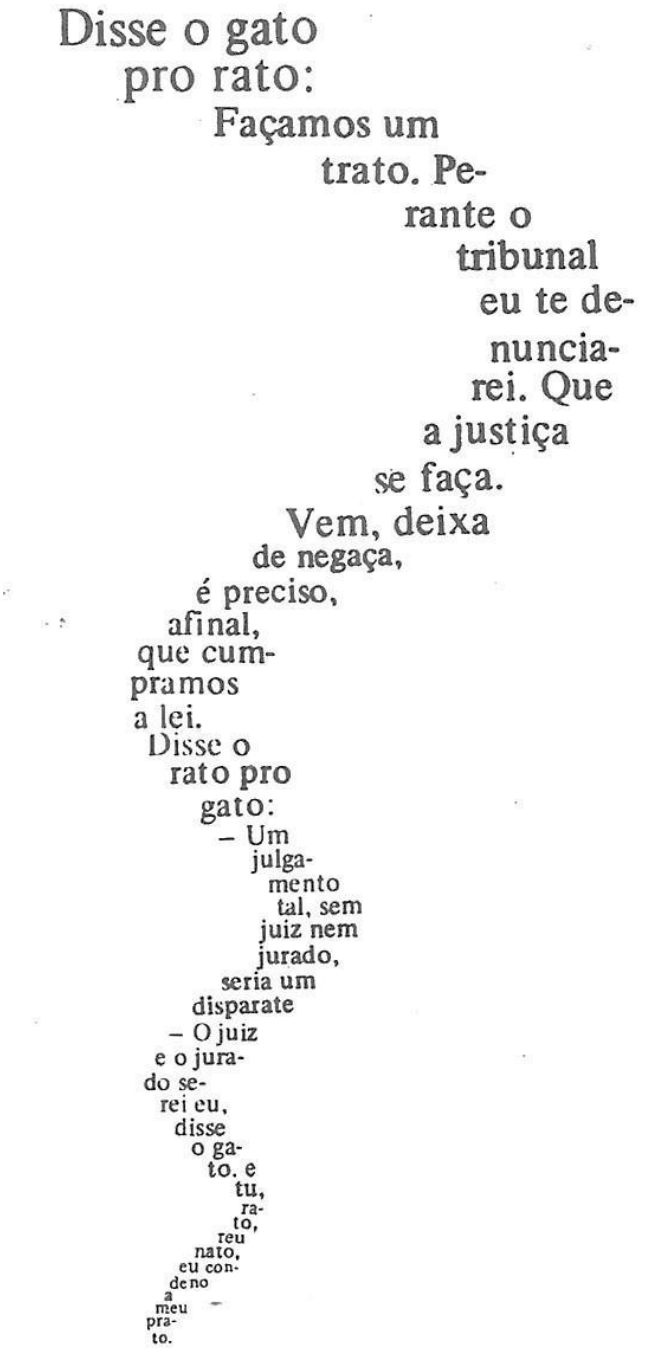
Tais orientações, sobretudo a última, justificam nossa proposta de trabalho com gêneros diversos.

Os aparatos eletrônicos estão inseridos em nossa forma de comunicação no ambiente escolar, sobretudo o uso de aparelhos celulares. Embora seu manuseio não seja permitido em sala de aula, salvo de maneira didática, o uso do celular pode ser interessante e disponível para o trabalho com os gêneros multimodais. Além desse recurso, muitas escolas possuem salas de multimídias, cuja utilização deve ser ampliada.

Isto posto, é importante destacar que o trabalho com os gêneros, nesta pesquisa, conjugou as perspectivas do letramento do texto verbal e o letramento de imagens. Dionísio (2005) aponta, em seus estudos teóricos, o caminho que se seguiu na pesquisa: a ideia de um *continuum* informativo que vai do menor grau de informação ao mais visualmente informativo. Para ilustrar esse *continuum,* a autora apresenta-nos, ludicamente, essa definição através do “Poema-cauda” de Lewis Carroll, conforme imagem a seguir:

Fig. 1: Poema-cauda de Lewis Carrol

DOI: 10.12957/pr.2025.91704



Fonte: Dionisio (2005, p.142)

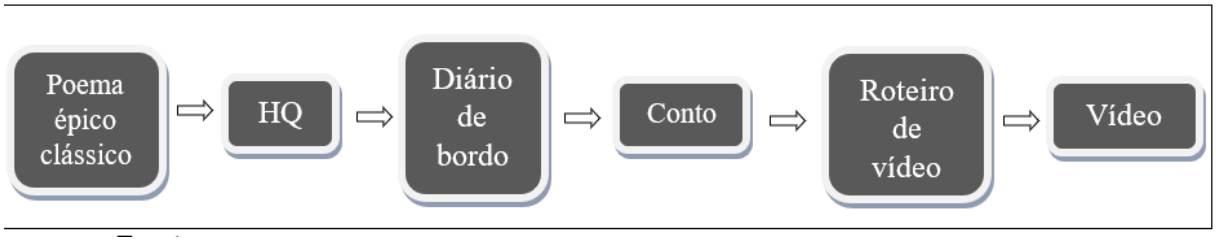
Este poema apresenta ao leitor a imagem que remete ao título, formada por seu *layout* que configura uma cauda, parte do corpo do rato e gato, animais descritos no texto. O texto não verbal traz a grafia das letras em tamanhos maiores quando a fala do gato é preponderante; já quando o foco é o rato, a letra possui tamanho menor,

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

representando a desvalorização do rato em relação ao gato.

Vale ressaltar que consideramos o *continuum* dos gêneros multimodais proposto por Dionísio (2005) por entendermos que é importante para a produção de um roteiro de filme em que se promova a movimentação dentro desse contínuo, do texto menos informativo ao mais visualmente informativo. Exemplificando a ideia, estabelecemos que a proposta de mediação pedagógica apresentará a seguinte sequência de estudo e de retextualização dos gêneros:

Quadro 1: sequência de estudos e de retextualização dos gêneros



Fonte: as pesquisadoras (2024)

De acordo com a sequência acima, os gêneros são apresentados num *continuum* que vai do menos visualmente informativo, que é o caso da poesia e das narrativas, ao mais visualmente informativo, como a HQ, numa etapa preparatória da construção de um roteiro, que será base da animação *stop-motion,* como se propõe.

É importante destacar, também, que no *continuum* tipológico proposto por Marcuschi (2010), o trabalho com os gêneros que se propõe transita nesse *continuum*, do +escrita ao +fala, sendo o roteiro de filme, produto final proposto, um gênero escrito que lista todos os elementos (áudio, vídeo, ações, comportamento e diálogo) necessários para contar a história, mas que, nas indicações de ações, na construção de personagens, no cenário e nas falas dos personagens, tornam-se visualmente mais informativos, com a presença da oralidade na constituição dos diálogos.

Ressalta-se, no entanto, que esse *continuum*, proposto por Marcuschi, não atende, em sua totalidade, à mediação didática que será apresentada neste artigo, pois, conforme dito anteriormente, o objeto da proposta didática é o filme de curta-metragem que envolve diferentes materialidades formando um todo, transitando,

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

portanto, dentro desse *continuum* apresentado na figura 2. Nesse caso, então, o que Marcuschi (2010) propõe constitui um norteador de como os gêneros, incluindo os que são trabalhados na mediação proposta, percorrem em um *continuum*.

A RETEXTUALIZAÇÃO

Apresentamos, neste capítulo, o conceito de retextualização como a estratégia que utilizamos para o trabalho com gêneros diversos, uma vez que foi uma escolha metodológica considerada adequada para a transformação de um texto do gênero epopeia para outros textos em gêneros contemporâneos, como HQ e roteiro de filme. Na concepção de Marcuschi "retextualizar é transformar um texto em outro" (Marcuschi, 2010. p. 46). É preciso, antes de tudo, compreender que a retextualização de texto escrito para texto escrito não é uma atividade de reescrita, o que embasa teoricamente a proposta de atividades oferecidas. O referido autor lembra que:

> [...] antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre uma atividade cognitiva denominada compreensão. Esta atividade, que em geral se ignora ou se dá por satisfeita e não problemática, pode ser a fonte de muitos problemas do plano da coerência no processo da retextualização (Marcuschi, 2010, p. 47).

A respeito da retextualização, recorremos, ainda, à obra de Dell'Isola (2007):

> A retextualização é um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidencia uma série de aspectos da relação entre oralidade-escrita, oralidade-oralidade, escrita-escrita, escrita-oralidade. Retextualização é a refacção ou a reescrita de um texto para outro, ou seja, trata-se de um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem. (Dell'Isola, 2007, p.36)

Retextualizar, portanto, é produzir um texto novo a partir de um já existente. Essa produção de texto contextualizadamnão deve ser pensada como uma revisão ou reescrita. Ao retextualizarmos nas situações comunicativas do dia a dia estamos realizando uma atividade interpretativa e de produção concomitantemente. Para que essa atividade não seja uma revisão ou reescrita, deve-se, portanto, trazer uma mensagem que produza o mesmo sentido da mensagem original.

Marcuschi (2010) exemplifica vários eventos linguísticos em que atividades de retextualização, reformulação, reescrita e transformação de textos estão envolvidas:

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

> (1) a secretária que anota informações orais do (a) chefe e com elas redige uma carta; (2) o (a) secretário(a) de uma reunião de condomínio (ou qualquer outra) encarregado(a) de elaborar ata de reunião, passando para a escrita um resumo do que foi dito; (3) uma pessoa contando à outra o que acabou de ler no jornal ou na revista; (4) uma pessoa contando à outra o que acabou de ouvir na TV ou na rádio; (5) uma pessoa contando à outra o filme que viu no dia anterior ou o último capítulo da novela ou as fofocas da vizinhança; (6) alguém escrevendo uma carta relatando o que ouviu no dia anterior; (7) o (a) aluno(a) que faz anotações escritas da exposição do(da) professor(a); (8) o juiz ou o delegado que dita para o escrevente a forma final do depoimento e assim por diante. (Marcuschi, 2010, p.49)

Dentro dessas perspectivas, é importante considerar que o docente deve propiciar meios para que o aluno desenvolva competências e habilidades relacionadas à linguagem ao ser o retextualizador. É no processo de retextualização que teremos a produção textual de cada criança observando os aspectos da escrita e preservação do texto original. Nesse sentido, é importante que cada um esteja atento a esta atividade não como simplesmente uma tarefa de copiar, mas de reflexão sobre a própria escrita.

Nessa relação de retextualizar a partir dos gêneros textuais escolhidos para cada etapa da intervenção, agimos em conformidade com três práticas que a escola deverá organizar para possibilitar ao aluno o desenvolvimento do domínio da expressão oral e da escrita: 1. escuta de textos orais/leitura de textos escritos; 2. produção de textos orais/escritos e 3. análise linguística.

Dessa forma, concluímos que o ensino-aprendizagem dos gêneros textuais e o processo de retextualização podem levar o aluno a desenvolver as competências linguísticas, ampliar o letramento e, ainda, contribuir para a autonomia e o senso crítico ao discente.

O gênero escolhido para iniciar o trabalho de retextualização e sedimentar a construção dessa proposta de trabalho didático-pedagógica, ampliando o letramento do aluno foi o gênero epopeia que será apresentado a seguir.

O GÊNERO EPOPEIA

A epopeia, como foi dito anteriormente, foi o gênero escolhido para sedimentar a construção dessa proposta de trabalho didático-pedagógica. Segundo Aristóteles (2004):

> A epopeia difere da tragédia na extensão da composição e no metro […] a epopeia tem uma característica particular muito importante para aumentar a extensão, uma vez que, na tragédia,

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

> não é possível imitar muitas partes da acção que se desenrolam ao mesmo tempo mas apenas a parte representada em cena pelos actores. Em contrapartida, na epopeia, por ser uma narração, é possível apresentar muitas acções realizadas simultaneamente, através das quais, desde que sejam apropriadas ao assunto, se aumenta a elevação do poema. Este privilégio contribui, assim, para dar grandiosidade, proporcionar uma mudança ao ouvinte e introduzir variedade com episódios diversos. (Aristóteles, 2004, p.92)

Essa narrativa literária longa narra feitos heroicos de personagens ou de um povo que, pela tradição oral ou escrita, tem um alcance universal e apresenta um narrador, que canta e narra em terceira pessoa, desenvolvendo, em geral, seus versos com musicalidade, rima e métrica.

Dito isto, a obra escolhida para este estudo, *Odisseia*, um texto épico da Grécia Antiga, conta a história de Odisseu ou Ulisses[2], herói da Guerra de Troia, e foi a motivadora de toda proposta didática ora apresentada. Uma das principais características das narrativas épicas é o contato com o maravilhoso, que se traduz nas ações mirabolantes e heroicas dos personagens principais. Sua relevância para o ensino é de grande valor, pois é considerada uma das obras épicas mais relevantes da literatura ocidental. É preciso deixar claro que sua autoria é atribuída a Homero (2023) e seus versos inspiraram outros autores a produzirem posteriormente outras obras. Em sua tradução, Frederico Lourenço (2011) explica que:

> Se a Odisseia se presta, com a maior facilidade, a ser lida de forma deslumbrantemente acrítica, a razão só poderá ser procurada na força e no encanto do texto em si: o fato de estarmos diante de uma história de interesse imorredouro, contada com eficácia arrasadora. Vários aspectos dessa história haveriam de entrar no imaginário da cultura ocidental: a teia de Penélope, 18 as Sereias, o Ciclope antropófago, Cila e Caríbdis, o saque de Troia por meio do estratagema do cavalo de madeira, a magia de Circe, o amor sufocante de Calipso, a doçura de Nausica. Mas o que nos leva a seguir, com o coração nas mãos, a narrativa ao longo de 24 cantos e mais de 12 mil versos é o elemento-chave que liga esses episódios, o elemento que ao mesmo tempo articula e secundariza tudo o que, além dele, se nos depara no poema: Odisseu. (Lourenço, 2011, p.24)

Nessa perspectiva, considera-se o trabalho com a obra uma grande oportunidade para estimular o imaginário, tornando o ensino-aprendizagem rico de conteúdo, pois, nas aventuras vividas pelo herói, percebem-se sentimentos apresentados em todo ser humano, como coragem, medo, amor e valores morais, como a fidelidade de filho e esposa do personagem principal. Nesse sentido, verifica-se a relevância para o compartilhamento de uma leitura que é agradável e vai ao

[2] [1] Algumas traduções trazem o nome Ulisses, traduzido do nome romano, na tradução adotada para esta pesquisa o autor preferiu dar ao personagem principal o nome grego.

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

encontro da realidade do alunado, já que há uma identificação com os personagens e muitos podem se imaginar heróis em aventuras em algum momento. Conforme Ruth Rocha destaca no Manual do Professor da obra *Ruth Rocha conta a Odisseia* (2011), as epopeias não são textos produzidos apenas para o entretenimento das pessoas. São, acima de tudo, manifestações de grande valor para a cultura humana.

Com a leitura do texto clássico como ponto de partida para o desenvolvimento dessa proposta pedagógica, a partir da leitura expressiva do texto, os alunos devem reconhecer as características da narrativa clássica, a presença do herói, a exaltação de conquistas humanas, a fantasia e a influência de lendas e de superstições que refletem nas histórias fantasiosas. Além disso, devem perceber a postura do narrador, mantendo-se neutro ou deixando-se envolver pela história, aprimorando assim suas habilidades de leitura e de interpretação.

Isto posto, a partir da teoria que serve de base à pesquisa e da pesquisa bibliográfica feita, elaborou-se uma série de atividades em que se apresenta o trabalho com os gêneros estudados e todas as etapas de retextualização sugeridas.

A PROPOSTA PEDAGÓGICA

Na primeira fase da proposta pedagógica, foi sugerida a leitura do texto clássico *Odisseia*, os principais personagens e suas características, a autoria e o significado das palavras empregadas nos versos do poema, além do estudo do gênero epopeia e da civilização grega, por meio de aula interdisciplinar.

Por ser um texto de difícil compreensão, buscou-se recortar, da obra literária original, versos que foram recontados nos livros que narram a história, de forma retextualizada, que foram trabalhadas na sequência de atividades elaboradas. Dessa forma, propôs-se um quadro comparativo entre a obra adaptada *Ruth Rocha conta a Odisseia* (2011) e a obra clássica *Odisseia*, de Homero, com tradução notas e comentários de Frederico Lourenço (2011), na qual apresentam-se as páginas que foram consideradas para leituras em ambos os livros, fazendo uma correspondência entre elas, e que podem ser realizadas de forma individual ou compartilhada.

Em seguida, foi proposta a análise de obras retextualizadas: *A Ilíada e a Odisseia* (Williams, 2013|) da série Clássicos em quadrinhos da editora Ática, e *Ruth Rocha conta a Odisseia* (2011), recontada por Ruth Rocha. Após este trabalho com os textos

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

no gênero epopeia e suas retextualizações, propôs-se um roteiro para a produção de um filme elaborado com os alunos em um processo de retextualização do texto épico a partir da HQ e do conto. Nessa fase de reescrita, sugere-se que sejam trabalhados os eixos escrita-oralidade, conduzindo os discentes a ampliarem o repertório em relação ao uso da modalidade oral. A importância dessa atividade consiste no trabalho com os gêneros textuais epopeia e HQ nas etapas anteriores, contribuindo para que os alunos sejam capazes de compreender o contexto de circulação dos gêneros estudados e suas finalidades, desenvolvendo, assim, autonomia, iniciativa e senso crítico para aplicação na etapa final de produção de filmes.

Na fase final da pesquisa, após a produção do roteiro para o filme, no processo de retextualização sugere-se a confecção dos personagens e do cenário em feltro, o que pode ser feito em sala de aula com a ajuda do professor. Também, nessa etapa, sugere-se utilizar as tecnologias de informação para a produção de um filme de animação, utilizando a técnica *stop-motion*. Como culminância, os filmes podem ser exibidos em sessões de curtas-metragens para toda a comunidade escolar.

Cabe acrescentar que, para o cumprimento dos objetivos da pesquisa, a elaboração do material pedagógico segue as etapas distribuídas em quatro módulos.

LEITURA DE CLÁSSICO: UMA EXPERIÊNCIA MARAVILHOSA

Ao introduzirmos a leitura de um texto em sala de aula, estamos realizando uma atividade de construção de sentidos, pois cada leitor tem seu conhecimento de mundo, sua intenção e seu conhecimento linguístico.

Apresentamos, nessa primeira etapa, atividades de iniciação da nossa proposta de mediação, que visam a ampliar a competência leitora de cada aluno. Dentre as tarefas, sugerem-se a leitura contextualizada da obra e a apresentação do contexto histórico, por meio de aula interdisciplinar com uma aula intitulada “Trovas na escola”, na qual as crianças participem da atividade extraclasse para compreender a história da Grécia Antiga e as características do gênero epopeia.

Para a leitura do texto clássico, selecionaram-se partes dos 24 cantos que retratassem as aventuras vividas por Odisseu, personagem principal, no retorno à Ítaca, sua cidade natal, sendo esses trechos selecionados e distribuídos, com

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

construção de um glossário que pode ter o registro de novas palavras à medida que os alunos realizem a leitura. Sugere-se, também, a apresentação dos personagens principais e suas características, por meio de um jogo da memória.

Para contextualizar historicamente, foi inserida uma sessão de leitura do livro *O sítio no descobrimento* (2018), de Luciana Sandroni, com o objetivo de, por meio também de aula interdisciplinar, levar o aluno a compreender como eram feitas as grandes navegações, conhecer vida e obra de Monteiro Lobato, além de ampliar o repertório cultural das crianças fazendo uma aula-passeio, na qual podem conhecer onde foram gravados episódios para a tv do Sítio do Picapau Aarelo. A culminância pode acontecer na escola, onde, após registrar numa carta narrando o que aconteceu na "Expedição à Antiga Casa do Sítio", localizada no bairro de Ilha de Guaratiba, no Rio de Janeiro, cada turma entregaria a carta elaborada à autora num encontro proporcionado pela unidade escolar, para uma conversa.

É previsto que o professor aja como mediador do processo de ensino por meio da leitura compartilhada, para a melhor compreensão do texto pelo aluno.

Para uma iniciação à leitura compartilhada, seguiremos o que apregoa Solé sobre tal leitura (2014):

> O professor e os alunos devem ler um texto, ou um trecho de um texto, em silêncio (embora também possa haver leitura em voz alta). Depois da leitura, o professor conduz os alunos através das quatro estratégias básicas. Primeiro se encarrega de fazer um resumo do que foi lido para o grupo e solicita sua concordância. Depois pode pedir explicações ou esclarecimentos sobre determinadas dúvidas do texto. Mais tarde formula uma ou algumas perguntas às crianças, cuja resposta torna a leitura necessária. Depois desta atividade, estabelece suas previsões sobre o que ainda não foi lido, reiniciando-se deste modo o ciclo (ler, resumir, solicitar esclarecimentos, prever), desta vez a cargo de outro "responsável" ou moderador. (Solé, 2014, p.161)

Em seguida, propusemos que outros aspectos, como imagens, autoria e forma de organização do texto da obra original sejam analisados.

Nesta primeira etapa de desenvolvimento das atividades propostas, objetiva-se:

a) levar o aluno a conhecer a importância da civilização grega para a sociedade;

b) despertar o interesse do aluno para a leitura do gênero epopeia e de outros gêneros contemporâneos;

c) mostrar ao aluno que se trata de uma obra original, portanto compreender a estrutura de uma epopeia e sua relevância para a literatura

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

ocidental;

d) levar o aluno a compreender o contexto histórico em que a obra foi escrita e o da Grécia Antiga;

e) chamar atenção para a importância das imagens que compõem o livro e o papel do tradutor e como as imagens estão relacionadas à narrativa;

f) promover uma análise dos personagens e suas características;

g) levar o aluno a identificar os elementos da narrativa (situação inicial, desequilíbrio, clímax, resolução e desfecho);

h) proporcionar a compreensão da importância da civilização grega para a sociedade;

i) permitir a identificação dos principais personagens da obra *Odisseia* suas características físicas e psicológicas;

j) realizar leitura compartilhada de parte do texto com atenção;

k) auxiliar no desenvolvimento da memória e compreensão;

l) estimular a criatividade do aluno;

m) levar o aluno a compreender o significado das palavras;

n) fomentar o uso adequado do léxico da língua portuguesa, bem como o significado de cada palavra selecionada;

o) levar o aluno a entender, em aula interdisciplinar, o contexto histórico do quinhentismo;

p) estudar com os alunos a vida e a obra da autora Luciana Sandroni;

q) propiciar ao aluno que conheça os personagens relevantes do “Sítio do Picapau Amarelo”, vida e obra de Monteiro Lobato, escritores da literatura brasileira;

r) levar o aluno a relatar aula-passeio levando em consideração fatos importantes, descrevendo lugares considerando o ouvinte;

s) promover perguntas para possível encontro com autor.

Após estudo do texto original, apresenta-se a forma retextualizada da obra: *A Ilíada e A Odisseia*, de Marcia Williams, com tradução de Luciano Vieira Machado (2013).

Como etapa de pré-leitura, conforme os objetivos estabelecidos para a pesquisa,

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

buscou-se:

a) mostrar ao aluno que se trata de uma adaptação da obra original, portanto, adaptação de uma epopeia;

b) apresentar a autora Marcia Williams, e o papel do tradutor Luciano Vieira Machado.

c) chamar atenção para a importância das imagens que compõem o livro e o papel do ilustrador e como estão relacionadas à narrativa;

d) analisar os personagens e suas características;

e) levar o aluno a identificar os elementos da narrativa (situação inicial, desequilíbrio, clímax, resolução e desfecho).

f) propiciar que o aluno compreenda as diferentes formas de retextualização por meio do gênero História em quadrinhos.

g) levar o aluno a diferenciar sentidos associados aos variados formatos de balão e tipos de letra empregados;

h) criar oportunidades para o aluno gerar sentidos pela pontuação expressiva, usar os sinais de pontuação como indicadores de sentido, compreender a linguagem verbal e não verbal e contextualizar as interjeições;

i) levar o aluno a aplicar os recursos de onomatopeia.

Orienta-se que o educador faça com que o aluno leitor se sinta seduzido pelos textos apresentados, sem imposição, motivando o discente a acompanhar as histórias com atenção, desenvolvendo autonomia, imaginação e senso crítico, compreendendo as diferenças dos gêneros, comparando-os e percebendo as diferentes funções.

O GÊNERO HQ E A RETEXTUALIZAÇÃO

As atividades do módulo II foram desenvolvidas a partir do gênero HQ. Por ser um gênero de fácil aceitação pelos estudantes, os gibis em sala de aula constituem um material diverso e rico de possibilidades para o ensino da língua. Em um primeiro momento, são estudadas a estrutura dos gêneros, as interjeições e onomatopeias; em seguida, os alunos fazem a leitura do livro de adaptação para compreender a forma de retextualizar a partir das HQs.

Sobre o processo de retextualização, Palomanes e Silva (2020) ressaltam que:

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

> Utilizar a retextualização nas aulas significa permitir ao aluno ampliar o seu letramento, pois por ser um processo complexo, demanda atenção, percepção, leitura, escrita, utilização do léxico na substituição, no acréscimo, na reordenação de palavras e todo o processo de desenvolvimento de um texto, que ao pertencer a determinado gênero passará a pertencer a outro, com novas características, mantendo o conteúdo, entretanto transformado em um novo texto. (Palomanes e Silva, 2020, p.418)

Após a leitura de toda a HQ, os alunos devem responder a um questionário, cujo objetivo é demonstrar conhecimento sobre a história lida, desenvolver capa frontal, verso de livro e HQs, retextualizando um episódio da Odisseia. A atividade seguinte é de observação e transcrição de texto, fazendo comparação entre obra clássica e adaptação. Por fim, os estudantes leem um capítulo do livro intitulado “O fio de prata” (Williams, 2013), para posteriormente produzir um diário de bordo.

MÓDULO III: O CONTO

Nessa etapa da mediação didática que compõem o módulo III, sugere-se que seja feita a leitura do livro adaptado de Ruth Rocha (2011), *Ruth Rocha conta a Odisseia*, no qual a autora distribui os 24 cantos da obra original retextualizando-os em conto. Para que haja entendimento das formas de retextualizar o texto, buscou-se trazer, para leitura da obra de Homero, os episódios que foram contados tanto na obra de Ruth Rocha, quanto na obra *A Ilíada e a Odisseia* de Márcia Williams (2013).

A lista, a seguir, mostra os objetivos pretendidos com as atividades do módulo:

a) mostrar que se trata de uma adaptação da obra original, portanto, adaptação de uma epopeia, na qual a autora distribui 24 capítulos em três partes sendo cada capítulo correspondente a um canto da obra original;

b) apresentar a autora Ruth Rocha, sua vida e obra;

c) chamar atenção para a importância das imagens que compõem o livro e o papel do ilustrador e como estão relacionadas à narrativa;

d) analisar os personagens e suas características;

e) levar o aluno a identificar os elementos da narrativa (situação inicial, desequilíbrio, clímax, resolução e desfecho;

f) propiciar que o aluno compreenda as diferentes formas de retextualização por meio dos gêneros conto;

g) criar oportunidade para o aluno usar os sinais de pontuação como indicadores

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

de sentido;

h) levar o aluno a compreender a linguagem verbal e a não verbal.

Para o alcance dos objetivos apresentados, o módulo compõe-se de atividades em que recorremos aos gêneros multimodais, como o mural interativo confeccionado com o recurso de *padlet*, no qual os alunos, de forma colaborativa, desenvolveriam uma página biográfica sobre a autora Ruth Rocha.

A leitura da obra de Ruth Rocha pode ser realizada por contação de história, com utilização de fantoche, e ter duração de seis aulas que serão dedicadas em 3 para a leitura da obra adaptada e 3 para a obra clássica, sendo a primeira aula de introdução ao estudo da epopeia e seu contexto histórico, conforme quadro a seguir:

Quadro 2: sugestão de divisão das aulas

OBRA ADAPTADA	OBRA CLÁSSICA
Aula 1 Introdução, onde se conta o que aconteceu antes que a *Odisseia* começasse – Páginas 9 a 15	Aula 1 Estudo breve sobre autoria, epopeia e a Guerra de Tróia
Aula 2 Parte I: Cantos I a IV – Capítulos 1 a 8 – Páginas: 17 a 44	Aula 2 Páginas: 53 a 57; 69 a 82
Aula 3 Parte II: Cantos V a XIII – Capítulos 9 a 12 – Páginas: 45 a 68	Aula 3 Páginas: 165 a 175; 179 a 183; 192 a 197
Aula 4 Parte III: Cantos XIV a XXIV – Capítulos 13 a 24- Páginas: 69 a 109	Aula 4 Páginas: 201 a 269; 475 a 506

Fonte: quadro elaborado pelos pesquisadores.

Após a atividade de leitura das obras, propõe-se uma sequência de atividades interativas para fixação do conteúdo: a primeira constitui-se de um caça-palavras, no qual os alunos encontram o nome dos personagens, para, em seguida, descrever as

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

características de cada um; logo após, realizam um jogo de tabuleiro em que sintetizarão partes dos capítulos lidos; e a última atividade seria a retextualização, por meio do gênero conto, dos episódios lidos da Odisseia recontada por Ruth Rocha.

Para a correção da retextualização, o professor confere se o aluno cumpriu satisfatoriamente as etapas a seguir:

· O texto escrito foi produzido com coesão, coerência e de acordo com as histórias estudadas?

· O aluno compreendeu a forma de retextualização por meio do gênero conto?

· A retextualização apresenta os elementos da narrativa?

· Quais personagens apareceram no enredo?

· Os sinais de pontuação foram usados corretamente?

O GÊNERO ROTEIRO DE FILME: PREPARANDO PARA A ATIVIDADE FINAL

Após o estudo e leitura do texto clássico e das adaptações em conto e HQ já mencionadas e da comparação entre os gêneros estudados, precisamos garantir que os alunos estejam aptos a criar seu próprio texto por meio do processo de retextualização. Para isso, propõe-se que os alunos elaborem um roteiro final a ser utilizado na produção de um filme.

Primeiramente, é preciso que seja apresentada a estrutura do gênero roteiro e suas características. Em seguida, antes de os alunos desenvolverem a proposta final, a leitura de algumas cenas retiradas do livro *Pequeno Teatro da Ilíada e Odisseia,* de Dennys Andrade (2020) precisa ser feita, para produzir um roteiro semelhante de outros episódios do livro A *Ilíada e A Odisseia*, de Marcia Williams, com tradução de Luciano Vieira Machado (2013).

A etapa final de escrita da mediação didática consiste na retextualização do gênero conto para o roteiro de filme. Nessa atividade, organizados em duplas, os alunos escrevem um roteiro baseado na narrativa de Ruth Rocha, que servirá de base para a produção do filme *stop-motion*.

O professor deve fazer a seleção dos episódios narrados na obra de Ruth Rocha que serão reproduzidos por cada dupla. Definido o texto, este seria escrito em discurso direto e as duplas pensariam nas rubricas que indicariam a composição dos

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

personagens participantes da cena, como seriam suas características físicas, psicológicas e a fala. É importante que o roteiro estabeleça em que parte do dia se passaria a cena, ou se, por exemplo, aconteceria na passagem do dia para a noite, se haveria algum fenômeno da natureza, como será o cenário para a cena do episódio, etc. Cada turma ficaria responsável por produzir um filme de curta-metragem que será exibido na escola num festival de animação.

O texto deve ser revisado pelo Professor, que faz as correções devidas e ajuda os alunos a refletirem sobre a produção final fazendo os seguintes questionamentos:

· O texto escrito está de acordo com as histórias estudadas?
· A história produzida apresenta os elementos da narrativa?
· Quais personagens apareceram na narrativa?
· Os sinais de pontuação foram usados corretamente?
· Quais cenários são utilizados para recontar a história?
· A linguagem utilizada é adequada?

PRODUÇÃO DE FILME COM A TÉCNICA *STOPMOTION*

Nesta etapa da mediação pedagógica, proceder-se-á à confecção de material para a produção do filme. A turma pode ser dividida em grupos de cinco alunos, dois ficariam responsáveis pela produção escrita, outros três pela confecção de cenário e personagens e todos, ao final, pela produção do filme.

A confecção de cenários e personagens é feita sob a orientação do professor uma vez que essa tarefa demanda habilidades de corte e costura. Os moldes podem ser desenvolvidos por ele e entregue aos alunos para fazerem o recorte, a colagem ou costura do personagem

Orienta-se que cada oficina ocorra em uma aula e cada grupo confecciona, em feltro, os personagens participantes da cena e os cenários.

A última etapa da proposta de mediação didática, finalmente, consiste na gravação de filmes curta-metragem. Mas, afinal, o que é animação? Para Magalhães (2015), a animação é a arte de conferir a ilusão de vida, através do movimento, a objetos inanimados. Dessa forma, animar seria produzir movimento aos personagens

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

confeccionados por meio de *software* para a edição dos filmes com a possível inclusão de sonoplastia, narração e diálogos.

Propomos que as produções dos estudantes sejam desenvolvidas com a técnica *stop-motion*, que assim é descrita por Magalhães (2015),

> Esta expressão em inglês tem um significado paradoxal: “movimento-parado”. A rigor este é o fundamento de todo e qualquer suporte audiovisual: a ilusão de movimento que é conseguida através de uma sucessão de imagens fixas. Mas, no meio profissional, stop-motion designa genericamente toda animação que realiza o movimento com fotografias de objetos reais que na vida real são imóveis, parados (como bonecos de madeira ou de massinha, móveis, latas, lápis, caixas, cadeiras, enfim, qualquer objeto, de qualquer material. (Magalhães, 2015, p.78)

É importante que o professor apresente a técnica *stop-motion* aos alunos antes de eles gravarem o filme. Em uma atividade simples, com a câmera de celular, o professor pode registrar uma sequência de fotos e dar movimento utilizando aplicativos ou *software* de edições ou até mesmo o celular, para que o aluno perceba que consegue fotografar e dar movimento a qualquer ação, desde que consiga movimentar o objeto parado por meio da sequência de fotos.

Para o registro das fotografias, que seriam utilizadas na composição do curta-metragem, é preciso que o professor seja mediador, propondo, primeiramente, que os alunos organizem cenários e personagens. Uma vez organizadas as cenas, os personagens ficariam na posição inicial para serem registrados por foto. Por meio do *software Stop Motion Studio*, a animação é capturada. Depois da primeira captura, podem modificar as posições dos personagens no cenário por muitas vezes, sendo que a cada modificação é necessário capturar mais fotos dos movimentos que desejarem para dar vida aos bonecos e animar a história.

Registradas as fotos, o professor deve apresentar os outros *softwares Audacity* e *Shotcut*: o primeiro grava voz e o segundo permite editar vídeo e áudio. É importante ressaltar que, se na escola há laboratório de informática, seria interessante realizar as produções nesse ambiente já que dispõe de aparatos eletrônicos possíveis.

É necessário que, depois de pronto, o curta-metragem seja exibido, em primeira mão, para a turma que o produziu. Dessa forma, mediados pelo professor, podem perceber como as atividades de retextualização e a produção de roteiro permitiram que o filme pudesse ser elaborado e o resultado pudesse ser avaliado e, cada vez mais, aprimorado. Posteriormente, podem ser organizadas, com a equipe pedagógica

da escola, exibições de filmes para demais alunos, multiplicando olhares atentos para as sociedades e cultura. Conclui-se, portanto, o material pedagógico sugerido com a exibição do filme produzido pelos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente artigo, buscou-se apresentar uma intervenção didático-pedagógica sobre a leitura dos clássicos e a produção de textos de vários gêneros. Espera-se que a proposta didática apresentada, fruto de pesquisa realizada no PROFLETRAS, que articula as teorias científicas com a prática docente, tenha cumprido o propósito a que se destina: contribuir para o ensino de leitura e produção textual, ampliando o letramento do aluno, ressignificando o ensino da língua portuguesa em sala de aula e servindo de motivação e inspiração para outros professores de língua portuguesa em seus fazeres docentes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Dennys. **Pequeno teatro da Ilíada e Odisseia: teatro completo para o Ensino Fundamental**. 1 ed. São Paulo, BKCC Livros, 2020.

ARISTÓTELES. **Poética; Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira e Tradução e notas de Ana Maria Valente.** Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC.** Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 11/05/2023.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2021.

DELL'ISOLA. R. L. . **Retextualização de gêneros escritos.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, Acir Mário, GAYDECZKA & BRITO, Karim Siebeneicher (orgs.). **Gêneros textuais: Reflexões e ensino.** São Paulo: Parábola, 2005.p. 137-151.

EPOPEIA. In: DICIO, **Dicionário Online de Português** *MICHAELIS*. 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ Epopeia/>. Acesso em: 19/04/2023.

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOMERO. *Odisseia:* **Tradução, notas e comentários de Frederico Lourenço***.*1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2023.

LOURENÇO, F. **Homero: Odisseia**. São Paulo: Penguin/ Cia. das Letras, 2011

MAGALHÃES, Marcos. **Cartilha Anima Escola**: **técnicas de animação para professores e alunos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ideia, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.**10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MOREIRA, H.; CALLEFE, L. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PALOMANES, R.; SILVA, G.. Retextualização dos quadrinhos ao conto: uma proposta de mediação pedagógica utilizando estratégias cognitivas. In: **O ensino da Língua (gem) em múltiplas abordagens no Profletras.** Acre: Nepan Editora, 2020. p. 413-432.

ROCHA, R. **Ruth Rocha conta a Odisseia**. São Paulo: Salamandra, 2011.

SANDRONI, L. **O Sítio no descobrimento: a turma do Picapau Amarelo na expedição de Pedro Álvares Cabral**. São Paulo: Globo kids, 2018.

SOLÉ, I.. **Estratégias de leitura**.6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

WILLIAMS, M. **A Ilíada e a Odisseia: adaptado e ilustrado.**1ed. São Paulo: Ática, 2013.

Sobre as autoras

Roza Maria Palomanes Ribeiro

Professora Associada de Linguística na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), participa como vice-líder do grupo de pesquisa ELMEP e é vinculada ao Programa de Pós-graduação em Letras – PROFLETRAS– e ao Programa de Mestrado acadêmico Letras: Estudos de Linguagem e Literatura, ambos da UFRRJ. É coautora do livro *Manual de linguística*, coautora e organizadora dos livros P*ráticas de ensino do português* e *Ensino de produção textual*, publicados pela Editora Contexto, organizadora e autora de dois outros livros publicados pela Editora Brasil Multicultural/ Encontrografia e organizadora e coautora de vários e-*books* publicados pela Editora Pimenta Cultural.

DOI: 10.12957/pr.2025.91704

Viviane dos Santos Nascimento Ballerini

Possui graduação em Letras - Português e Espanhol - pela Fundação Educacional Unificada Campograndense (2005), especialização em Docência do Ensino Básico na disciplina de Português pelo Colégio Pedro II (2015) e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Tem interesse na área de leitura, na perspectiva do letramento. Leciona Língua Espanhola no Colégio Estadual Pestalozzi, Língua Portuguesa, Literatura E disciplinas eletivas no Ensino Médio do Colégio Estadual Liberdade e Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professor Leonardo Carielo de Almeida.

DOI: 10.12957/pr.2025.91704